



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14299 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

Meninas e mulheres cronistas: olhares sobre os cotidianos escolares entre o final do século XIX e o início do século XX

Euridice Hespanhol Macedo Pessoa - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

Alexandre Pereira Mérida - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Teresa Vitoria Fernandes Alves - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

MENINAS E MULHERES CRONISTAS: OLHARES SOBRE OS COTIDIANOS ESCOLARES ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E O INÍCIO DO SÉCULO XX

Resumo

Esta pesquisa apresenta três contextos distintos que se interseccionam quando as realidades das nossas protagonistas mostram seus cotidianos escolares a partir de textos em forma de relatos e escritas literárias femininas, encontrados em jornais e revistas que circularam no Rio de Janeiro em finais do século XIX e início do XX.

Palavras chave: Cotidiano escolar, escrita feminina, mulheres na educação.

O objetivo desse trabalho encontra-se em analisar as visões de meninas e mulheres acerca da educação. A pesquisa parte de três realidades diferentes que se cruzam no momento que passamos a entender como nossas protagonistas nos mostram seus cotidianos escolares a partir de textos que nos chegam em forma de relatos, escritas literárias femininas presentes em jornais e revistas que circularam no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX.

Os caminhos percorridos em nossas pesquisas dentro do grupo de pesquisa do qual fazemos parte são baseados em critérios metodológicos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, tomando como ponto inicial o interesse específico – algo que inquieta o (a)

pesquisador (a).

Durante nossas reuniões coletivas de discussão das nossas pesquisas terminamos percebendo como nossos temas convergiam para a questão de como alunas e professoras passaram a registrar, através de textos produzidos e publicados em jornais e revistas sobre o cotidiano dos espaços escolares onde elas circularam.

Essa imprevisibilidade se torna, portanto, um elemento que não pode ser ignorado por nós pesquisadores, pois ao nos debruçarmos sobre as fontes encontradas, terminamos identificando dados importantes e que levam a entender como meninas e mulheres, em diferentes contextos educativos, estão pensando os cotidianos escolares com os mesmos objetivos: viabilizar a emancipação do pensamento feminino em um universo impregnado de ditames e olhares masculinos.

Romper com essas regras, buscar novos caminhos e rumos para educação feminina em nosso país na virada do século XIX para o XX, nos permite entender como essas meninas e mulheres lutavam e difundiam suas ideias dentro do espaço escolar e, mais ainda, como essas ideias passam a circular na sociedade fluminense.

Nossa proposta de pesquisa parte nos/dos/ com os cotidianos dessas jovens, então, se estrutura a partir da apresentação da realidade vivida por três contextos distintos, são eles: as cronistas do norte fluminense; uma escritora que em suas obras fala de educação e por último, meninas e professores que vivem o cotidiano de uma escola que foi um internato feminino na capital fluminense, visando chegar ao ponto de congruência desse trabalho que se encontra na análise da escrita desses diferentes contextos de meninas e mulheres acerca nos/dos/com seus cotidianos escolares enquanto espaços de transformação feminina.

Uma das questões que se coloca nesse processo é: como usar a pesquisa nos/dos/ com os cotidianos como instrumento de construção das vivências dessas mulheres no passado? Tal inquietação se fez por acreditarmos ser possível construir tais vivências através dos diferentes vestígios delegados ao presente pelo passado, tais como: diários pessoais, diários de classe, jornais, romances publicados em forma de folhetins e suas verossimilhanças repletas de flagrantes do cotidiano escolar, crônicas, entre outros. Percebemos que tal tarefa não se constitui como algo fácil, ao contrário, é algo extremamente complexo, visto terem sido as mulheres silenciadas ao longo de vários momentos históricos e sociais, isso não significa que não estejam lá, que não tenham deixado suas marcas e contribuições para as complexas relações sociais que se desenvolveram e se desenvolvem e foram tecidas sociedade. Como dito por Michelle Perrot (2005, p. 31) “Entre fugacidade dos traços e o oceano do esquecimento, os caminhos da memória das mulheres são estreitos”.

A professora e pesquisadora Nilda Alves (2003) ao discutir sobre os movimentos

das pesquisas nos/dos/com os cotidianos relata que esse tipo de pesquisa difere do modo de pesquisar da era Moderna visto "[...] essas maneiras incluem de modo inseparável, o fazerpensar, tanto como a prática teórica/prática, em movimento sincrônico que misturam, sempre, agir, dizer, criar, lembrar, sentir" (p. 2). Assim, tanto o objeto pesquisado é mudado, quando aquele/aquela que o estuda também é afetado por esse processo. Por isso, ao se estudar a história dos cotidianos femininos em diferentes tempos e espaços o que objetivamos é provocar uma mudança de nós mesmos em relação as meninas e jovens e servir de veículos para que suas vozes sejam ouvidas no presente.

Quatro são os movimentos apresentados por Alves (2003) para que as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, são eles: sentimento do mundo, virar de ponta cabeça, beber em todas as fontes e narrar a vida e literaturizar a ciência. O primeiro se refere ao fato do pesquisador necessitar sentir, vivenciar sua pesquisa "[...] executar um mergulho com todos os sentidos no que desejamos estudar [...]" (p. 3).

O segundo diz respeito a criar formas de olhar para o nosso objeto de estudo, analisá-lo de outras maneiras que não sejam as dadas de antemão pelos métodos de análise tradicionais, algumas vezes será necessário inventar nossas próprias maneiras de olhar para o passado e com ele manter diálogos com e entre essas meninas e mulheres, foco de nossas pesquisas.

O terceiro elemento trazido nos lança ao fato de necessitarmos diversificar as fontes que servirão de análise para a construção desse passado que em última análise é inacessível em sua concretude, assim, a utilização de diferentes fontes poderá lançar novas perspectivas sobre essas histórias e que nos proporcionarão a ampliação das fontes de pesquisa, o que nos leva a possibilidade de discutir formas de lidar com as múltiplas realidades do cotidiano escolar, suas diversidades e heterogeneidades. A professora Nilda Alves (2003) afirma que "beber em todas as fontes" significa incorporar à pesquisa diversas fontes que antes eram "consideradas dispensáveis", como arquivos das secretarias das escolas, fotografias, manuscritos e papéis nada burocráticos, e que dependendo de como olharmos e indagarmos nos darão pistas/indícios que nos viabilizarão dados, até então não percebidos, mas que estão impregnados de informações que nos levarão ao fazerpensar acerca da rede de mulheres que buscavam na educação uma emancipação.

O Quarto elemento ou, ainda, movimento, refere-se à necessidade de "escrever para chegar a todos a que precisamos falar" (p.3). Segundo Alves (2003) esse quarto elemento possibilita "narrar a vida e literaturizar a ciência" (p.), onde o pesquisador comunica as questões que se referem a suas possíveis descobertas, traça um diálogo no qual a escrita se faz no caminho de escrever "para chegar a todos que precisamos falar" (p.).

A primeira pesquisa que trazemos em nos/dos/com os cotidianos, neste artigo, foi analisar a educação de meninas na cidade de Campos dos Goytacazes na segunda metade do século XIX, verificando suas potencialidades e limitações dentro de uma perspectiva ligada a história cultural, tendo como ponto nevrálgico a história das mulheres, que durante muito tempo foram silenciadas ao longo das narrativas historiográficas como apontado Perrot (2005) “É o olhar que faz a história. No coração de qualquer relato histórico, há a vontade de saber. No que se refere às mulheres, esta vontade foi por muito tempo inexistente [...]” (p. 14). Não ser construída historicamente não significa ausência de sua força e intervenção no passado, mas que o passo não foi algo que despertasse o trabalho de historiadores, ao menos até o início da década de 1970 quando a história das mulheres passou a ser alvo do interesse da historiografia, seja pelo avanço das discussões feministas ou pelo maior acesso ao ensino superior ou, ainda, pela maior visibilidade das mulheres que passaram a ocupar cargos públicos e de poder na sociedade, o importante é que nas últimas décadas do século XX houve um movimento de regaste de passado silenciado e as mulheres e suas histórias passaram a integrar o discurso historiográfico.

Para estudar e reconstruir os cotidianos de meninas na segunda metade do século XIX na região demarcada foi preciso usar fontes diversificadas, tais como: diários de classe, relatórios dos inspetores de instrução, as atas publicadas das Câmara Municipal de Campos e os periódicos publicados à época, em especial O Monitor Campista, o mais importante jornal da cidade de Campos e o maior em alcance de leitores e colaboradores.

A segunda pesquisa nos/dos//com os cotidianos, neste artigo, propõe a leitura do livro “Memórias de Marta”, da escritora Júlia Lopes de Almeida. *Memórias de Marta* foi o primeiro romance editado por Júlia Lopes de Almeida, publicado, antes, como folhetim no jornal Tribuna Liberal do Rio de Janeiro, de 3 de dezembro de 1888 a 17 de janeiro de 1889. Dez anos depois, em 1899 virou livro pela Editora Casa Durski, de Sorocaba (São Paulo), com a terceira edição (segunda em livro), pela Livraria Francesa e Estrangeira Truchy-Leroy, em Paris, provavelmente em 1930.

O livro tem como pano de fundo a vida de uma personagem narradora que sonha em ser professora e sair de sua moradia paupérrima, um cortiço de final de século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão.

Após a viuvez, Dona Marta, mãe da narradora de mesmo nome, sofre um repentino rebaixamento de classe, precisando abandonar a casa e sobreviver num cortiço, exercendo a atividade de lavadeira. É o início onde a narradora conta sua infância difícil até ganhar um vestido usado de uma das clientes de sua mãe e ter condições de frequentar a escola. Nos/dos/com os cotidianos dessa escola, Marta faz sua primeira amiga a “mulata” Matilde. Sobre Matilde, a narrativa relata um roubo que foi descoberto em flagrante. As humilhações na correção do mesmo fazem de Matilde uma aluna proscrita na classe. Com o tempo, o romance nos relata que a “mulata” ficou violenta, revoltada e acabou sendo expulsa. Outro nome citado é o da aluna Clara Silvestre, que pouco permanece matriculada e anos mais tarde

Marta a encontra por acaso em situação que remete à prostituição. O diálogo, na arte ficcional, esclarece, nas entrelinhas, noções de interseccionalidade presentes no romance. A narrativa apresenta o cotidiano da realidade de uma vida escolar cheia de preconceitos, tiranias, evasões de alunas, onde as diferenças de cor e classe eram naturalizadas. Vale citar Lélia Gonzales:

(...) discriminação de sexo e raça faz das mulheres negras o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira., limitando suas possibilidades de ascensão. Em termos de educação, por exemplo, é importante enfatizar que uma visão depreciativa dos negros é transmitida nos textos escolares e perpetuada em uma estética racista (...). (GONZALES, 2020, p. 160).

Sobre a cor de Matilde e sua expulsão da escola, vale relacionar as questões dos ideais médicos recém chegados ao Brasil naquele final do século. Para tal, Gonzales também elucida:

(...) sabemos que o colonialismo Europeu, nos termos com que hoje o definimos, configura-se no decorrer da segunda metade do século XIX. Nesse mesmo período o racismo se constitui como a “ciência” da superioridade euro cristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação que viria a ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem, como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental. (GONZALES, 2020, p. 129.)

Era o nascimento da Eugenia que começava a influenciar os pensamentos sociais no Brasil, acentuando discriminação e exclusão das populações negras após escravizados, limitando direitos em relação à educação e ascensão social, fatores muito bem colocados no romance realista em questão.

O cotidiano da escola de meninas foi para Marta o lugar mais feliz, a esperança, o futuro. Seu sonho era ser professora, tirar a mãe do cortiço e dar a ela uma vida mais digna, sem tantos sacrifícios.

O romance é uma ode à educação, leia-se como estímulo à instrução formal, muito discutida naquele final de século, como se nos/dos/com os cotidianos das escolas fossem para as meninas das classes populares o único futuro. Mas, já naquele momento, as mulheres haviam conquistado o magistério nas classes iniciais. Podemos dizer que foi uma conquista, apesar de encontrarmos na história, alusão ao pendor maternal para exercer as funções de educar nas séries iniciais.

Além de relatar sobre a escola de meninas, a vida movimentada do cortiço, o meio embrutecido, Marta conta, entre outros episódios, a morte de Maneco, o menino alcoólatra,

um impacto naquele espaço pobre, onde a dor da família oferece um rastro de denúncia.

Nos últimos capítulos, Marta trabalha como ajudante de professora, posto máximo mencionado pela narrativa após esforço descomunal. Com o emprego, consegue tirar a mãe do cortiço, embora tarde, pois sua mãe vem a falecer logo depois da mudança.

O livro *Memórias de Marta*, apesar de ambientado e narrado no século XIX, mostra a atemporalidade de preconceitos, dentro e fora da escola, que parecem arrastados pelo tempo, prejudicando meninas e mulheres.

O terceiro contexto da pesquisa nos/dos/com os cotidianos por nós abordado, retrata os cotidianos do Instituto Feminino Orsina da Fonseca a partir das narrativas de suas alunas e professoras presentes numa revista pensada e publicada dentro do próprio instituto no ano de 1935. Na revista *Colmeia* temos contato com temas ligados ao cotidiano escolar como a condição de trabalho feminino, o civismo e a exaltação aos símbolos pátrios, a indicação de textos literários nos levam a refletir como esses corpos femininos estão sendo moldados dentro e fora do universo escolar. Nesse momento, tratar de questões de gênero e do feminino.

Partindo da compreensão dos quatro movimentos propostos pela referida autora (Alves, 2003), esmiuçamos os nos/dos/com os cotidianos escolares femininos em três espaços diferentes, que se uniram através de suas experiências educativas. Nossa expectativa é buscar sempre novas descobertas, pensando em trazer a pesquisa para a possibilidade de um diálogo amplo sobre as práticas educativas em finais do século XIX e princípio do século XX.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes. *Memórias de Marta*. Rio de Janeiro: Delírium, 2020.

ALVES, Nilda. “Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos”. Disponível em : <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967>. Acesso: 26/03/2023.

GONZALES, Lélia. *Por um feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos*/ Flávia Rios e Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.